



Os Afetos e o Neoliberalismo enquanto Dispositivo Fascista

Elainy Costa da Silva¹

Resumo

O presente artigo visa examinar o papel funcional dos afetos no neoliberalismo enquanto dispositivo fascista. Para isso, busca-se analisar as estratégias de controle neoliberais, a fim de compreender suas propriedades biopolíticas e psicopolíticas que determinam as condutas, as formas de pensar, as regras e os modos de viver. Sob tal perspectiva, observa-se como o neoliberalismo distorce o imaginário, contribuindo para a formação de um sujeito que despreza a alteridade e tem desejo de poder e submissão. O amor e o desejo que antes eram direcionados ao “líder”, no fascismo histórico, agora, desloca-se para o capital.

Palavras-chave: neoliberalismo; afetos; psicopolítica; dispositivo; fascismo.

Affects and Neoliberalism as a Fascist Device

Abstract

This paper aims to examine the functional role of affects in neoliberalism as a fascist device. To this end, we seek to analyze neoliberal control strategies in order to understand their biopolitical and psychopolitical properties that determine behaviors, ways of thinking, rules and ways of living. From this perspective, we observe how neoliberalism distorts the imaginary, contributing to the formation of a subject that despises otherness and has a desire for power and submission. The love and desire that were previously directed towards the “leader” in historical fascism are now shifted towards capital.

¹ Licenciada em Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Keywords: neoliberalism; affects; psychopolitics; device; fascism.

Introdução

Conforme Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é fundamentalmente uma racionalidade e, enquanto tal, não somente organiza as ações dos governantes como também os comportamentos dos governados. Nessa perspectiva, a razão neoliberal condiciona o modo de ver e de agir no mundo, transformando tudo e todos em mercadorias, ou seja, em coisas negociáveis. Desse modo, os limites éticos e jurídicos diluem-se em favor do capital e da manutenção da sua lógica de acumulação.

Nesse contexto, a racionalidade neoliberal adentra nas diversas esferas da vida, colonizando as relações, os afetos, os corpos, as subjetividades etc. A partir disso, o neoliberalismo, muito além de uma mera ideologia ou uma política econômica, é uma lógica de gestão, cujas estratégias político-econômicas agregam-se às dimensões da vida, adquirindo um caráter biopolítico e psicopolítico e determinando condutas, formas de pensar, valores, regras e modos de viver.

Diante desse cenário, o neoliberalismo coloca-se como um sistema normativo biopolítico e psicopolítico, utilizando-se de diferentes meios de coerção e controle físico e psíquico. O condicionamento de corpos e de mentes tem fins neoliberais e, portanto, orientado pela lógica de mercado. Para isso, é aplicado a estratégia da “sociedade punitiva”, por meio da resposta penal ou extermínio, e da “sociedade do desempenho”, que se dá por meio da competitividade e da alta performance e produtividade.

Desse modo, o neoliberalismo colabora para a formação de um sujeito competitivo e plenamente voltado ao capital, mas também aberto ao consumo, à produtividade, à competitividade e a todas as relações mercadológicas. Por consequência, fragmenta-se as relações entre os indivíduos, estimulando o “cada um por si” e a busca pelo prazer individual. O que implica dizer que o desejo pelo capital faz com que os indivíduos identifiquem a felicidade com o consumo e a alta produtividade e a liberdade com a ideia ilusória de “empresário de si mesmo”.

Assim, enquanto um sistema normativo biopolítico e psicopolítico voltado para a realização e manutenção da lógica do capital, o neoliberalismo atua como dispositivo fascista, engendrando a individualização das relações sociais, transformando as pessoas

em empresas e estimulando a eliminação de concorrentes em detrimento da coletividade e da solidariedade. Portanto, o amor e o desejo que antes eram direcionados ao “líder”, no fascismo histórico, agora, desloca-se para o capital. Em outras palavras, não basta que os indivíduos produzam e consumam, mas que amem produzir e consumir, fazendo desse amor parte do dispositivo de acumulação do capitalismo.

Posto essas considerações introdutórias, o presente artigo realizará o seguinte percurso: no tópico 1, serão apresentadas as estratégias de controle neoliberais, que se manifestam como biopoder e como psicopoder, assim como o papel das mídias sociais na disseminação da lógica neoliberal e na produção de afetos que sustentam o neoliberalismo; no tópico 2, serão explicadas a distorção do imaginário, que constrói o panorama psicológico do neoliberalismo enquanto dispositivo fascista, e o desejo fascista que se converte em desejo de poder e submissão, e também de consumo, na lógica neoliberal; e, por fim, no tópico 3, será analisado como os afetos atuam como elemento de captura e de conexão entre os indivíduos no neoliberalismo enquanto dispositivo fascista, as formas de resistência à lógica neoliberal e como os afetos podem ser mobilizados a fim de construir alternativas contrárias a esse sistema.

Este artigo baseia-se no método de abordagem qualitativa a partir do desenvolvimento de pesquisa bibliográfica. Para isso, foi realizado um levantamento de conhecimentos e informações sobre os afetos e o neoliberalismo enquanto dispositivo fascista em materiais bibliográficos já publicados. Em seguida, foram efetuadas análises de conceitos e categorias trabalhados por pensadores e pesquisadores do tema e publicados em artigos científicos, documentos, livros e trabalhos acadêmicos.

1 Estratégias de controle neoliberais

O neoliberalismo não é um sistema que se limita somente ao campo econômico; pelo contrário, ele se expressa como um modo de organização socioeconômico capaz de regular diversas esferas da vida. Como Dardot e Laval (2016) já pontuaram, o sistema neoliberal trata-se de uma racionalidade que norteia as ações, os afetos, os comportamentos etc., definindo um modo de ser no mundo.

A partir disso, observa-se que o projeto neoliberal de instituição de um Estado-mercado, cujas propostas e ações são balizadas pela lógica do capital, de destituição das responsabilidades sociais anteriormente reservadas ao âmbito estatal, transferindo-as ao poder econômico, e de redução dos direitos revelou-se apropriado ao

programa autoritário e neoconservador fundamental para a manutenção do Estado capitalista. Assim, ao intervir nas diferentes esferas da vida, ampliando os seus campos de atuação, o neoliberalismo propõe-se unicamente à obtenção de lucro, ao acúmulo de capital e ao atendimento dos interesses do mercado (CASARA, 2019).

Ademais, ressalta-se que a razão neoliberal aqui mencionada refere-se à lógica de mercado que se desenvolveu a partir das décadas de 1980 e 1990 e tornou-se uma lógica normativa generalizada (DARDOT; LAVAL, 2016), determinando tanto o Estado e seus agentes como o próprio indivíduo. Além disso, nessa lógica totalizante, todo e qualquer impedimento a expansão de lucros e a acumulação de capital é necessariamente desarticulado. Dessa forma, o neoliberalismo busca tornar o mercado a razão de ser do governo e do sujeito individual, ou seja, que ambos estejam abertos e dispostos a todos os interesses do mercado.

[...] a atual versão do neoliberalismo não tem pudor de restringir ou mesmo inviabilizar a liberdade sempre que existir risco para o mercado ou para os detentores do poder político. Enquanto o liberalismo em voga no século XVIII se caracterizava pela questão dos limites do governo, que necessitava ser enquadrado por leis (naturais e econômicas), a única preocupação do neoliberalismo é transformar o mercado em razão de ser do governo, sem qualquer preocupação com limites. (CASARA, 2019, p. 48)

Enquanto uma racionalidade que permeia todas as esferas da existência, o neoliberalismo manifesta-se como biopoder e como psicopoder ao condicionar corpos e mentes. Como biopoder, a lógica neoliberal direciona os indivíduos para fins mercadológicos por meio do controle dos corpos; já como psicopoder, ela interfere nos processos psíquicos dos indivíduos por meio do controle e da exploração de si mesmos.

Nesse contexto, observa-se a produção de uma sociedade fundamentada em modelos fluidos de autocontrole, de autovigilância e de dominação e disciplina, além da conservação de um “exército de reserva” de indivíduos expropriados e da acentuada produção de mercadorias. Em outras palavras, a força de trabalho dos indivíduos não está apenas exposta, mas também disposta à expansão do capital.

Além disso, ainda que as estratégias de controle biopolíticas e psicopolíticas fundem-se e coabitem na sociedade neoliberal, dando origem a modelos fluidos de regulação e opressão para fins mercadológicos, é notório que a dinâmica social se modifica conforme o valor de uso dos indivíduos para o capital. Ou seja, embora a sociedade neoliberal ainda se mostre como uma sociedade disciplinadora para todos os

sujeitos, a fim de torná-los dóceis e úteis ao seu projeto, percebe-se que, para determinados grupos, essa sociedade apresenta-se como punitiva; enquanto para outros, revela-se como de desempenho e de alta produtividade.

[...] para além do mercado idealizado (idealismo, diga-se, fantástico) das teorias de Friedman, Friedrich Hayek, Ludwig von Mises, Rudolf Eucken, entre outros, existe o mercado real, aquele que realmente condiciona o mundo-da-vida nas sociedades capitalistas. Nesse “mercado” existem várias formas de coerção, tanto física como psíquica, e os negócios se dão em detrimento dos direitos fundamentais. O mercado real revela-se baseado em transações nem sempre voluntárias, envolvendo pessoas desinformadas e desiguais, algumas capazes de manipular o sistema de preços – que funcionaria, na teorização liberal, como o nervo cibernético do mercado, como a função, no plano ideal, de impedir injustiças, incentivar empresários e trabalhadores, dispersar o poder econômico etc. –, incapaz de impedir a concentração do poder econômico.

[...] o neoliberalismo levou a mais uma espécie de despotismo, uma ditadura do mercado, em que se dá a imposição coerciva – e o Sistema de Justiça Criminal serve a essa coerção – das leis de mercado. (CASARA, 2019, p. 40-41)

No contexto neoliberal, as estratégias de controle biopolíticas ocorrem por meio do domínio dos corpos, do tempo e da vida dos indivíduos. Com fins disciplinares, tais estratégias produzem sujeitos invisibilizados, pacificados e inflexíveis a alteridade. Nesse sentido, por meio do hábito, do exercício e da obediência contínua, o poder disciplinar dos mecanismos de controle origina tanto saberes quanto verdades que justificam e indicam se os indivíduos estão em conformidade com as regras estabelecidas, ou seja, com a lógica neoliberal.

Diante desse cenário, o poder disciplinar é exercido por funções administrativas e por instituições, como família, escola, empresa etc., que não apenas propõem a vigilância constante por alguém que exerce poder sobre os demais, como também os vincula aos sistemas de correção, de formação e de produção. Assim, no âmbito neoliberal, o poder disciplinador desempenha um papel fundamental na produção de sujeitos dóceis e produtivos ao capital, atomizando-os e vigiando-os.

Convém ressaltar que o poder disciplinador desempenha uma exaustiva ação sobre os corpos dos indivíduos e, conseqüentemente, sobre suas vidas, as quais estão submetidas a um complexo aparelho de controle e normatização que as cartografa, rearticula e recompõe. Como dito anteriormente, a disciplinação ocorre em um nível microsocial e busca moldar os indivíduos conforme os interesses do capital, corrigindo e regulando comportamentos considerados indesejáveis à lógica neoliberal, na medida

em que incentiva condutas alinhadas à essa racionalidade, como a obediência, a paciência e a resiliência (BARROS, 2020).

O complexo sistema disciplinar é composto de micropoderes que possibilitam relações de poder que são exercidas no interior das instituições. Tais relações de poder são baseadas na manipulação calculada do comportamento e das aptidões dos corpos. O que nasce, então, é uma anatomia política de fabricação de sujeitos submissos e dóceis. A arquitetura das instituições e o controle orgânico de suas atividades, pautados em métodos como a vigilância, são responsáveis pela fabricação de indivíduos submissos e obedientes. Dessa forma, podemos definir a disciplina como dispositivos de poder “que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade utilidade.” (FOUCAULT, 2014, p. 135). O acréscimo nas forças dos corpos em termos de produtividade corresponde ao acréscimo na docilidade em termos políticos de obediências e vice-versa. (BARROS, 2020, p. 88-89)

A docilização de corpos visa a extração máxima da força de trabalho e, por consequência, da mais-valia e da acumulação de capital. Assim, como o poder disciplinador recai sobre os indivíduos e não sobre as riquezas, ele colabora para a produção de sujeitos abertos a todas as relações mercadológicas, além de gerenciar a força de trabalho desses indivíduos, inserindo-os em um sistema de utilidade-docilidade (BARROS, 2020).

Embora as estratégias biopolíticas, como o poder disciplinador, ainda estejam presentes na sociedade neoliberal, haja vista que um corpo docilizado e cansado é um corpo facilmente controlado e dominado, entram em cena as intervenções nos processos psicológicos dos indivíduos por meio dos mecanismos psicopolíticos de dominação e regulação. Em outras palavras, o capitalismo, mediante o neoliberalismo, encontrou na psique uma forma de potencializar a extração da força de trabalho dos indivíduos e a acumulação de capital.

Nessa perspectiva neoliberal, as estratégias psicopolíticas partem das noções de desempenho, performance e alta produtividade, que acarretam um controle por meio do excesso de positividade e da violência mediante a coação pela busca do ótimo e da perfeição. Essa coerção manifesta-se como um exercício da liberdade, fazendo com que o indivíduo coagido a deseje sem perceber a violência moral que está implícita. Nesse sentido, mais do que disciplinar os indivíduos, o neoliberalismo busca potencializá-los para além dos seus limites, a fim de cumprir o seu escopo mercadológico. E para isso,

utiliza-se da permissividade, que falaciosamente apresenta-se como uma prática da liberdade.

A partir disso, a sociedade neoliberal não se mostra apenas como uma sociedade disciplinadora, mas também como uma sociedade do desempenho. A busca pela perfeição, pela máxima produtividade e pelo alto desempenho ocasiona diferentes distúrbios psíquicos e, conseqüentemente, sofrimentos emocionais, como quadros de ansiedade, depressão e Síndrome de Burnout. Assim, o próprio indivíduo torna-se, simultaneamente, a vítima e o autor do controle que se submete no esforço pelo ótimo e pelo superdesempenho.

[...] a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico; o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço. Dessa forma, não existem zonas protegidas “fora do mercado”, e quem é contra isso é contra o neoliberalismo, e quem é contra o neoliberalismo é a favor do Estado. Tudo é mercado. Educação é investimento. Saúde é segurança. Relações são *networking*. Imagem é marketing pessoal. Cultura é entretenimento. Pessoa é o empreendedor de si mesmo. (DUNKER, 2017, p. 284-285, grifo do autor)

O salto neoliberal das últimas décadas, mais precisamente a partir dos anos de 1980, foi utilizar os desejos e os afetos dos indivíduos como alavancas para gerar mais produtividade e desempenho. Se, no poder disciplinador, a ordem, a proibição e a negatividade tinham espaço; no psicopoder, elas dão lugar à falsa ideia de liberdade e à lógica da positividade exacerbada, ou seja, a negatividade da proibição converte-se em positividade do poder ilimitado.

Nessa perspectiva, o neoliberalismo transforma os indivíduos em empreendedores, ou ainda, em empresários de si mesmo. Na lógica neoliberal, todas as esferas da vida humana são pensadas a partir de uma gestão empresarial, em que cada indivíduo precisa assumir o controle da sua própria vida e produzir mais. Observa-se, assim, que os indivíduos se ocupam com diferentes e infinitas atividades que têm como fim torná-los empreendedores de si mesmos. Na sociedade do desempenho, o sujeito multitarefa, o indivíduo que “dá conta de tudo” e aquele que, inclusive, encara o seu descanso e lazer como mais uma demanda da sua agenda sobrecarregada são “agraciados” com mais produtividade.

A ilusória liberdade neoliberal fundamenta-se na positividade superlativa, em que é preferível seduzir os desejos e os afetos humanos do que proibir, ou seja, é mais produtivo e, conseqüentemente, lucrativo moldar a mente e os processos psíquicos-afetivos dos indivíduos do que apenas disciplinar seus corpos. Agradar para criar uma dependência é mais eficiente do que mandar para obter obediência. Dessa forma, a lógica neoliberal consegue restringir, explorar e regular os indivíduos fazendo-os perceber essas ações como voluntárias e naturais, ou seja, como atos gerados pela sua própria liberdade.

A psicopolítica neoliberal é dominada pela positividade. Em vez de operar com ameaças, opera com estímulos positivos. Não emprega a ‘medicina amarga’, mas o ‘eu gosto’. Lisonjeia a alma em vez de sacudi-la e paralisá-la mediante choques. A seduz em vez de opor-se a ela. Toma a sua dianteira. Com muita atenção toma nota das ânsias, das necessidades e dos desejos [...]. A psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que busca agradar em vez de submeter. (HAN, 2018, p. 30)

Nesse contexto, a motivação, o projeto, a competição, a otimização, a resiliência, a iniciativa e o engajamento tornam-se táticas psicológicas que passam por uma construção sedutora e positiva que imprime nos indivíduos o ideal da autorrealização e a busca constante pela perfeição. O indivíduo que se achava livre e autônomo, autor de suas próprias decisões e escolhas, é, na verdade, explorador de si mesmo, é simultaneamente senhor e escravo de si próprio.

Desse modo, não por acaso que, atualmente, vive-se uma sociedade dos *influencers* (influenciadores digitais), do *management* emotivo, do *coaching*, do *mentoring* e do *counseling*, da mediocridade gramatical do X (antigo *Twitter*), do apelo afetivo do *like* e da vida instagramável (RIBEIRO, 2022). Todas as esferas da vida humana foram capturadas pela lógica empresarial dispersada pelo neoliberalismo e por suas emoções performativas.

Nessa perspectiva, as mídias sociais também efetuam um papel determinante na propagação do neoliberalismo, já que se apresentam com um dos principais vetores da subjetivação neoliberal, na medida em que moldam indivíduos e afetos a essa lógica. A partir da difusão de valores baseados nas práticas de consumo e de competitividade, que são princípios comuns ao neoliberalismo, e da produção de afetos que sustentam a dinâmica neoliberal, as mídias sociais conduzem um processo de múltiplas dimensões que tem como objetivo a captura de todas as esferas da vida humana.

A partir disso, ao redefinir o sujeito como um “empresário de si mesmo” e transferir para o próprio indivíduo a responsabilidade do seu sucesso ou fracasso, a lógica neoliberal, por meio das mídias sociais, reforça essa dinâmica ao promover a autoexposição como um requisito de visibilidade e reconhecimento. As plataformas digitais, como Instagram, LinkedIn e YouTube, não apenas divulgam como engajam narrativas de sucesso de influenciadores e empreendedores, reforçando a falsa visão de que apenas o esforço individual é suficiente para alcançar o sucesso financeiro e ascender socialmente.

Nesse contexto, os influenciadores digitais, por exemplo, personificam a lógica neoliberal ao transformar sua identidade em uma mercadoria, na medida em que substanciam a ideia de que o valor de um indivíduo depende do seu desempenho no mercado digital. Assim, o neoliberalismo não se mantém somente por suas estruturas político-econômicas, mas também por sua capacidade de produzir e mobilizar afetos. Neste âmbito, as mídias sociais conseguem canalizar afetos como ansiedade, desejo, inveja, motivação, entre outros e direcioná-los para práticas de consumo e de competitividade. O que significa que a frequente exposição de narrativas e vidas “bem-sucedidas” estimulam sentimentos de insuficiência e frustração que alimentam o consumo de cursos motivacionais, *coachings* e produtos que prometem o desenvolvimento pessoal.

Além disso, ao romantizar a cultura da hiperprodutividade, as mídias sociais colaboram para que a precarização do trabalho se torne algo “aceitável”. A glamourização da produtividade exacerbada e do trabalho incessante normaliza a autoexploração como ideal a ser valorizado e alcançado. Assim, ao promover soluções personalizadas, como a autoajuda, a mentalidade positiva e a meritocracia, as mídias sociais desvalorizam as análises críticas acerca das desigualdades sistêmicas, contribuindo para que a lógica neoliberal transfira os problemas estruturais para o campo individual e reduza a possibilidade de ação coletiva e politização dos problemas sociais.

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa

por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração.

O imperativo neoliberal de otimização pessoal serve apenas a um funcionamento perfeito do sistema. Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapêuticamente para melhorar a eficiência e o desempenho. Assim, tudo é comparável, mensurável e está sujeito à lógica do mercado. Nenhuma preocupação com a boa vida impulsiona a otimização pessoal. Sua necessidade resulta apenas de coerções sistêmicas a partir da lógica do sucesso mercantil quantificável. (HAN, 2018, p. 45)

Em síntese, as estratégias biopolíticas e psicopolíticas neoliberais constroem sujeitos egocêntricos, competitivos, sem limites e abertos a todas as relações mercadológicas. Contudo, diante dessa estrutura, qual o espaço para a alteridade? Como essa lógica esvazia o imaginário dos indivíduos e desencadeia a fascistização dos seus desejos e afetos? Perante táticas tão perversas, o fascismo revela-se como um dispositivo dentro do neoliberalismo.

2 Distorção do imaginário, desprezo pela alteridade e desejo fascista

Pensar em mudanças expressivas em uma sociedade, de modo que elas adquiram legitimidade, requer um trabalho denso no imaginário. Esse trabalho, que cumpre uma função política, busca não somente induzir, como também fazer com que os indivíduos apoiem e aprovelem as mudanças propostas, ainda que no âmbito afetivo (CASARA, 2019).

Conforme Casara (2019), o imaginário refere-se ao que uma pessoa percebe como realidade, juntamente com as representações que derivam dos simbolismos existentes em determinado grupo social. Por outro lado, o imaginário social possibilita que um grupo possa tanto reconhecer a identidade como a imagem que faz de si próprio. Esse reconhecimento permite denominar e segmentar os papéis sociais dos integrantes do grupo, definir os códigos de condutas coletivas, identificar as motivações e determinar as crenças comuns. Diante disso, é evidente que a razão neoliberal assimilou o imaginário a sua lógica de ação.

A lógica neoliberal não tem estima pelas noções de coletividade e de solidariedade; pelo contrário, elas são substituídas pelo “cada um por si” e por posturas hedonistas e superpositivas. A preocupação com o “comum” cede espaço para o incentivo ao egocentrismo e a busca pelo prazer individual, fomentando entre os indivíduos a construção de “relações” que não passam de conveniências norteadas pela lógica de mercado.

Simultaneamente, o estímulo a esse processo de isolamento narcísico e hedonista contribui para restringir a preocupação ao pequeno núcleo familiar e para produzir a individualização das relações sociais, cujos sujeitos relacionam-se com base na utilidade que esses contatos podem oferecer, a partir da busca pelo sucesso e do anseio pelo aumento do desempenho individual acrescido da competitividade. Em outras palavras, “cada pessoa é estimulada a se ver como uma empresa e a eliminar a concorrência, isso em detrimento da solidariedade e dos projetos coletivos” (CASARA, 2019, p. 51).

Posto isto, segundo Casara (2019), ao corromper as relações fundamentadas no “comum”, convertendo-as em conveniências mercadológicas, o neoliberalismo promove o esvaziamento do indivíduo, por meio de um processo de homogeneização que interessa o mercado e funciona como um tipo de controle social não explicitamente repressivo, e a eliminação do outro, já que as diferenças e a exterioridade não têm espaço em uma estrutura individualizante, cujas subjetividades estão voltadas exclusivamente para o próprio desempenho.

Nesse contexto, a lógica neoliberal efetua uma distorção do imaginário, ou seja, da imagem que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros, em que a imagem que o sujeito tem de si próprio passa a se identificar com as noções neoliberais de hiperdesempenho, de alta performance e de produtividade máxima, além ser a única individualidade reconhecida. Essa identificação é favorecida por um ambiente de empobrecimento da linguagem, que tanto propicia o desprezo pelos valores construídos ao longo do tempo, ainda que de maneira inconsciente, quanto uma percepção afetivamente insensível do outro.

Os discursos de ódio, a dificuldade de interpretar um texto, o desaparecimento das metáforas, a incompreensão das ironias, a divulgação de notícias falsas (ou manipuladas) e o desrespeito à Constituição são fenômenos que podem ser explicados a partir de uma única causa: o empobrecimento subjetivo. Empobrecimento que se dá na linguagem. Alguns chegam a falar na “arte de reduzir cabeças”, outros, no encolhimento das mentes.

A linguagem, e isso já foi dito antes, sempre antecipa sentidos. Uma linguagem empobrecida antecipa sentidos empobrecidos, estruturalmente violentos, pois se fecham à alteridade, às nuances e à negatividade que é constitutiva do mundo e se faz presente em toda percepção da complexidade. Os significantes passam a ser manipuláveis com muito mais facilidade. Sentidos empobrecidos que não se prestam à reflexão e que são funcionais à manutenção das coisas como estão. (CASARA, 2018, p. 89-90)

A distorção do imaginário associada ao empobrecimento da linguagem sustenta tanto o falso discurso da liberdade neoliberal, em que o indivíduo acredita que não há limite onde se quer chegar, já que os discursos motivacionais divulgam constantemente que ele pode tudo (ideia de empreendedor ou “empresário de si mesmo”), quanto a identificação da felicidade com o consumo e a alta produtividade, em que os sujeitos satisfazem-se com a possibilidade de consumir qualquer coisa, inclusive eles próprios e os outros, e dignificam-se a partir das suas performances dentro do sistema neoliberal.

O empobrecimento da linguagem serve à proposta neoliberal, que não apenas vê como converte tudo e a todos em mercadorias, ou seja, em coisas negociáveis. Nesse projeto, a dinâmica das mercadorias² busca afastar toda a negatividade e a complexidade, na medida em que oferece discursos simplistas e positivos. Desse modo, ao empobrecer a linguagem, os conflitos, as dúvidas, os questionamentos e as possibilidades de mudanças dão lugar a explicações rasas e simples que impedem o pensamento crítico, a pesquisa e a reflexão, tão relevantes ao entendimento dos fenômenos.

Nessa perspectiva, a razão neoliberal assegura-se diante do empobrecimento da linguagem e da ausência de reflexão. Assim, não é surpreendente que, no âmbito neoliberal, o sujeito crítico tenha sido substituído pelo consumidor acrítico, ou ainda, que o sujeito responsável tenha dado lugar ao indivíduo inconsequente. O desprezo pelo pensamento crítico e pela reflexão favorece a simplificação de tudo que se apresenta, tornando-o raso para que se ajuste e concorde com o projeto neoliberal. Por isso que o discurso simplista e positivo do neoliberalismo requer a eliminação de todas as diferenças e negativas que não tenham como fim o lucro.

Pode-se, então, identificar a sociedade que atende à razão neoliberal como uma sociedade do pensamento ultrassimplificado. A exigência de simplificação tornou-se verdadeiro fetiche e um tema totalizante. Em toda perspectiva totalizante há tendência à barbárie: aos que não cederem ao pensamento simplificado, reserva-se a exclusão e, no extremo, a eliminação. (CASARA, 2018, p. 95)

Paralelo a isso, o empobrecimento da linguagem também colabora para o repúdio ao diálogo, que requer uma abertura às diferenças, na medida em que persiste em discursos que propagam o pensamento estereotipado e simplificador. Nesse

² As mídias sociais, por exemplo, expressam essa lógica das mercadorias ao propor “verdades”, que são internalizadas pelos indivíduos como certezas absolutas a sua existência, e ao propagar o excesso de positividade, que se expressa por meio do supercomunicação, do superdesempenho e da superprodução.

contexto, a comunicação adequada fundamenta-se no amor ao igual, isto é, a comunicação ideal seria aquela que ocorre entre iguais. Em contrapartida, as diferenças somente são aceitas quanto podem ser convertidas em mercadorias.

É propriamente nesse amor ao igual que o ódio ao diferente é instaurado. Se o empobrecimento da linguagem impede qualquer tipo de reflexão e, conseqüentemente, é averso às diferenças³, aquele que é contrário a esse panorama é tratado como inimigo. Em outras palavras, desse amor ao igual nasce o ódio direcionado à alteridade.

Correlata a essa “simplificação” da realidade, há a disposição de pensar mediante categorias rígidas. A população é levada a recorrer ao pensamento estereotipado – fundamentado com frequência em preconceitos aceitos como premissas – que faz com que não haja necessidade de se esforçar para compreender a realidade em toda a sua complexidade. Quem se afasta do pensamento raso e dos slogans argumentativos, e assim coloca em dúvida as certezas que se originam da adequação aos preconceitos, torna-se um inimigo a ser abatido, isso se antes não for cooptado. Neste sentido, pode-se falar que o empobrecimento da linguagem gera o ódio direcionado a quem contraria essas certezas e desvela os correlatos preconceitos. (CASARA, 2018, p. 91)

Ao incentivar o individualismo, o discurso simplista e a positividade exacerbada, a razão neoliberal invalida e condena a alteridade, impossibilitando qualquer tentativa de questionamento, reflexão, conflito ou dúvida. Em outras palavras, as eventuais negatividades devem ser eliminadas, a fim de que a racionalidade neoliberal se mantenha. Desse modo, abre-se espaço para um contexto autoritário e tendencialmente paranoico, cujos sujeitos homogeneizados pelo discurso neoliberal não somente enxerga o indivíduo contrário a esse sistema como inimigo, como também defende esse próprio sistema.

Dessa forma, atacar e desprezar a alteridade, transformando em inimigo todos que pensam diferente, apostar em medidas autoritárias e repressivas para solucionar qualquer desvio de conduta, valorizar o *ter* do que *ser*, tender à submissão ou à dominação sob a aparência da “segurança” são alguns sintomas que a distorção do imaginário, por meio do empobrecimento da linguagem, gera ao reduzir o pensamento a um modelo binário-bélico de ver o mundo: bem *versus* mal, amigo *versus* inimigo, direita *versus* esquerda etc. (CASARA, 2019).

³ Para a razão neoliberal, a diferença somente é estimulada quando ela é rentável, ou seja, capaz de produzir novas mercadorias. Portanto, há uma distinção entre a diferença mercadológica, incentivada pela lógica neoliberal, e o conceito de alteridade, definido como “qualidade do outro ou do que é diferente”, como interação ou interdependência com o outro.

A alteridade lança luz ao que as tentativas de homogeneização não conseguem esconder; por isso, é vista como um inimigo que precisa ser excluído ou eliminado. Segundo Casara (2019, p. 80), “o inimigo é construído a partir tanto de preconceitos quanto de estereótipos e passa a ser identificado como uma ameaça e, por vezes, a causa de todos os males”. Assim, o outro torna-se um perigo que precisa ser combatido como solução para superação do medo.

A alteridade, a diferença não consumível, torna-se o lixo, o que resta da complexidade escondida por uma visão de mundo redutora. O indivíduo estandardizado, midiaticado, o a-sujeito, após se demitir da faculdade de pensar, passa a odiar o que pensa ser diferente, desconhecido e, portanto, capaz de gerar medo – pode ser um livro, um filme ou mesmo uma pessoa. (CASARA, 2019, p. 80)

O medo associado à ignorância e ao desconhecimento cresce na medida em que a distorção do imaginário e o empobrecimento da linguagem expandem-se, o que significa que existe uma “relação direta entre a ausência de reflexão, o desconhecimento e o modo e a violência que os acompanha” (CASARA, 2019, p. 81). Diante desse cenário, a razão neoliberal produziu um sujeito não apenas aberto a todas as relações mercadológicas, mas também egocêntrico, perverso e sem limites para consumir, produzir e destruir seu inimigo/concorrente. Ou seja, surge um sujeito potencialmente fascistizado, com desejo de poder e submissão convertido em desejo de consumo.

É necessário considerar que o neoliberalismo aposta em um projeto neoconservador que é favorável para a manutenção do Estado capitalista e, para isso, é preciso subverter o imaginário social e empobrecer a linguagem para que, assim, construa-se um contexto repressor e violento, ainda que essa repressão e violência não sejam percebidas, que dá à luz um novo sujeito (neoliberal) fascistizado.

A partir da distorção do imaginário, juntamente com o empobrecimento da linguagem, as políticas neoliberais apresentam-se como “inovadoras”, com suas propostas reformistas que, na verdade, visam somente a manutenção da lógica de exploração e acumulação de capital. Apoiada na falsa ideia de liberdade e na demasiada positividade, as quais fornecem ao indivíduo a ilusão de que ele pode tudo, de que não há limites, o neoliberalismo busca restaurar o estágio do capitalismo mais puro – “capitalismo sem luvas” (CHOMSKY, 2002, p. 4) – e ausente dos limites éticos e jurídicos construídos ao longo do tempo.

É propriamente nesse paradoxo – a distorção do imaginário voltada à restauração – que se encontra o elemento que captura e fascista o sujeito, tornando-o útil ao projeto neoliberal, na medida em que o desejo de poder e submissão se transforma em desejo de consumo. No discurso neoliberal, não há laço social e nem preocupações com o “comum”, já que ele não é dirigido a pessoas, mas a objetos, ou seja, objetos que são tratados como mercadorias e pessoas que são tratados como objetos (CASARA, 2018). Assim, diante dos imperativos “consume!”, “produza!”, formas em que a razão neoliberal manifesta seus ideais de liberdade, felicidade e glorificação, o sujeito faz vínculos com objetos e não com pessoas.

Nasce, portanto, em razão do excesso de capitalismo, do sucesso do capitalismo na sua forma neoliberal, uma nova subjetividade, uma nova economia psíquica e, com ela, uma nova sociedade. Um sujeito forjado a partir da mercadoria, que existe e só se justifica em razão da mercadoria. Uma sociedade que tem como referencial normativo o mercado. Um sujeito que é lançado no mundo para consumir e ser consumido pelo mercado. Uma sociedade sem limites ao consumo e que mercantiliza até o espetáculo da destruição de seus integrantes. (CASARA, 2018, p. 40)

A razão neoliberal dá origem a uma nova economia psíquica que introjeta no indivíduo o desejo de consumo ilimitado como forma de expandir os lucros dos detentores do poder econômico. O sujeito neoliberal tem desejo de poder e submissão, tanto por acreditar que é livre e com poder ilimitado para consumir e fazer o que bem quiser, cuja felicidade baseia-se nessa falsa liberdade, quanto por ser permissivo e resignado a essa lógica, exatamente por acreditar que sua felicidade está nessa liberdade ilusória neoliberal. Assim, esse desejo de poder e submissão correspondem ao desejo de consumo ilimitado, que visa a satisfação individual e reduz as ideias de liberdade e de felicidade ao consumo e à apropriação de mercadorias.

Essa lógica neoliberal fundamentada em uma cultura que desconhece limites, que é aversa à reflexão e que se opõe a qualquer tipo de negatividade produz sujeitos acrílicos, consumidores, autoritários e tendencialmente paranoicos. Em outras palavras, fabrica-se sujeitos fascistizados que são convenientes ao capitalismo. Se, antes, o amor era direcionado a um “líder”, como no fascismo histórico; hoje, ele é dirigido ao capital. Isso significa que o processo de construção da subjetividade neoliberal não se trata apenas que os indivíduos produzam e consumam, mas que amem produzir e consumir em demasia. Segundo Karmy (2016, p. 22-23), “[...] tal como ocorria com o ‘regime’

fascista, façam do amor parte do dispositivo de acumulação capitalista (aquilo que o *coaching* atual chama de ‘felicidade’).

3 Afeto: o elemento conectivo no neoliberalismo enquanto dispositivo fascista

O neoliberalismo, enquanto racionalidade, internalizou-se no modo de vida dos sujeitos, impondo um “novo” modelo de existência que contempla integralmente as relações sociais, ou seja, aquelas que os sujeitos constroem consigo mesmo e com os outros. Isso significa que todas as esferas de vida dos sujeitos estão sob a lógica de concorrência capitalista, que os captura e os adere a ponto de defenderem essa lógica e amarem a sua auto-exploração.

Na sociedade, são produzidos e reproduzidos diferentes afetos que, com maior ou menor intensidade, refletem no modo de vida dos indivíduos. A propósito, se os sujeitos são seres determinados que constroem relações sociais determinadas, possivelmente o mesmo princípio também se aplica aos afetos que estão sob a lógica neoliberal. Ou seja, se os afetos incidem sobre o modo de vida dos sujeitos, determinando suas formas de agir e de pensar, eles também podem influenciar ou não na adesão dos indivíduos a um determinado modo de vida em detrimento de outros.

A partir disso, observa-se que, ao adentrar no modo de vida dos sujeitos, a lógica neoliberal determina-o, fazendo com que esses indivíduos adotem esta ou aquela forma de vida em detrimento de outras. Nesse contexto, a sociedade é pensada como um “sistema de normas, valores e regras que estruturam formas de comportamento e interação em múltiplas esferas da vida” (SAFATLE, 2020, p. 15). Tais esferas são partilhadas pelos indivíduos, pois são dotadas de força de coesão.

Enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de força de coesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. (SAFATLE, 2020, p. 15-16)

Os afetos podem ser considerados como elementos políticos, visto que possuem força para mobilizar um processo de coesão e adesão social. Eles operam como o alicerce da ordem social, que, dependendo do sistema de normas, valores e

regras estruturado, podem determinar este ou aquele modo de vida. Por exemplo, a insegurança trabalhista, o medo da exclusão do mercado de trabalho, o temor do fracasso pessoal e profissional são responsáveis por patologias físicas e psíquicas (MOREIRA, 2021). Esses afetos são influenciados pela externalidade e podem definir as formas de agir e de pensar dos sujeitos, além de permitir ou impedir possibilidades de emancipação. Conforme Safatle (2020), as transformações na sociedade correspondem as transformações dos afetos que estão presentes nela.

[...] Freud prefere compreender a forma como indivíduos produzem crenças, desejos e interesses a partir de certos circuitos de afetos quando justificam, para si mesmos, a necessidade de aquiescer à norma, adotando tipos de comportamentos e recusando repetidamente outros.

A perspectiva freudiana não é, no entanto, apenas a expressão de um desejo em descrever fenômenos sociais a partir da intelecção de seus afetos. Freud quer também compreender como os afetos são produzidos e mobilizados para bloquear o que normalmente chamaríamos de “expectativas emancipatórias”. Pois a vida psíquica que conhecemos, com suas modalidades de conflito, sofrimentos e desejos, é uma produção de modos de circuito de afetos. Por outro lado, a própria noção de “afeto” é indissociável de uma dinâmica de imbricação que descreve a alteração produzida por algo que parece vir do exterior e que nem sempre é construído como objeto da consciência representacional. Por isso, ela é a base para a compreensão tanto das formas de *instauração sensível da vida psíquica* quanto da natureza social de tal instauração. Fato que nos mostra como, desde a origem: “o *socius* está presente no Eu”. Ser afetado é instaurar a vida psíquica através da forma mais elementar de sociabilidade, essa sociabilidade que passa pela *aisthesis* e que, em sua dimensão mais importante, constrói vínculos inconscientes. (SAFATLE, 2020, p. 38, grifos do autor)

Contudo, é necessário considerar a forma como a sociedade neoliberal adequa os afetos à lógica capitalista e como esse ajuste impacta o modo de vida dos sujeitos. Nesse contexto, as considerações de Dardot e Laval (2016) acerca da racionalidade neoliberal podem oferecer explicações razoáveis, visto que, segundo os autores, ao ingressar nas diferentes esferas da vida humana, a razão neoliberal estrutura o campo de ação dos sujeitos, norteando-os dentro dessa lógica capitalista.

[...] O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. [...] Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. [...] Devemos entender, por isso, que essa

razão é *global*, nos dois sentidos que pode ter o termo: é “mundial”, no sentido de que vale de imediato para o mundo todo; e, ademais, longe de limitar-se à esfera econômica, tende à totalização, isto é, a “fazer o mundo” por seu poder de integração de *todas* as dimensões da existência humana. Razão do mundo, mas ao mesmo tempo uma “razão-mundo”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16, grifos dos autores)

Isso significa que, no neoliberalismo, tanto a sociedade quanto os indivíduos são pensados a partir de propósitos mercadológicos, ou seja, ambos têm como finalidade manter os imperativos econômicos de concorrência, de acumulação e de maximização de lucros. Assim, o sujeito neoliberal, em particular, assume o papel de “empreendedor” ao esforçar-se incessantemente em superar os outros na busca por novas oportunidades de lucro.

Nessa perspectiva, a razão neoliberal não apenas altera o modo de agir, de pensar e de ver o mundo, como também modifica os hábitos, os valores e o vocabulário, formatando os indivíduos segundo a lógica de mercado, mesmo que para isso seja necessário introduzir técnicas e dispositivos comportamentais à economia, como jogos de estímulos e mecanismos de reforço (CASARA, 2021). Portanto, não é por acaso que as técnicas de recompensa por produtividade, a alteração no uso de alguns termos, como empregado por colaborador, os *workshops* de gestão emocional e pessoal etc. fazem parte das mudanças promovidas pela racionalidade neoliberal.

Para gerar mais produtividade, o capitalismo da emoção também se apropria do jogo, daquilo que seria, na verdade, o *outro do trabalho*. Ele “gamifica” o mundo do trabalho e da vida. O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando assim mais motivação. Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento. O jogador com suas emoções está muito mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional ou que atua apenas no nível racional. (HAN, 2018, p. 69, grifos do autor)

Conforme Han (2018), a psicopolítica neoliberal utiliza formas muito sofisticadas de exploração, como os discursos motivacionais, os *workshops* de gestão pessoal, os treinamentos de inteligência emocional e aumento de eficiência sem limites, entre outras capacitações e palestras de conteúdos semelhantes. Todas essas estratégias visam desassociar a lógica capitalista de qualquer tipo de negatividade, ou seja, para manter o sistema de exploração e acúmulo de capital, fazendo com que os indivíduos produzam cada vez mais, é necessário distanciar-se de todo caráter negativo e aproximar-se de um regime de poder “positivo”.

É propriamente nessa positividade excessiva, construída por meio de discursos acrílicos e simplistas, que a distorção e a (re)produção de afetos ocorrem, suscitando na adesão dos sujeitos à lógica neoliberal. Desenvolve-se um novo *éthos* do capitalismo, que mediante o neoliberalismo, institui um “ideal empresarial de si mesmo”. Esse ideal não apenas mantém os indivíduos coesos e disciplinados à lógica capitalista, como também atende, ainda que ilusoriamente, as reivindicações de maior liberdade individual.

Ou seja, o novo *éthos* capitalista produz e/ou altera os sentidos dos afetos que são convenientes a lógica neoliberal. Por exemplo, amar vincula-se ao que pode ser produzido, comprado ou consumido, ser/estar feliz associa-se ao produzir em demasia, ser/estar livre relaciona-se ao consumo sem limites etc. Diante desse cenário, observa-se um certo “consentimento moral” por parte daqueles que são impactados por essa lógica, isto é, como os indivíduos moldam-se a esse novo *éthos*, de modo que não rompam com a exploração capitalista? Em outras palavras, por que, no contexto neoliberal, os sujeitos amam a superprodutividade, o alto consumismo e, por consequência, a autoexploração?

Segundo Safatle (2020), esse amor a hiperprodutividade e o superconsumismo deve-se a assimilação do ideal do “empresário de si mesmo”, em que os indivíduos, ao gerenciar suas vidas como uma empresa, acreditam ser livres. Nesse contexto, surge o sujeito de desempenho (HAN, 2017), que não está submetido explicitamente a uma repressão exterior, mas sim a uma repressão interior. Ou seja, na sociedade do desempenho, a figura do explorador externo é invisibilizada e transferida para o próprio sujeito explorado. O sujeito, agora, é senhor e escravo de si mesmo.

O novo *éthos* capitalista evidencia o desejo dos indivíduos de maximizar a produção, já que são reconhecidos e dignificados a partir da sua capacidade produtiva. Por isso, além de introjetar no indivíduo a ideia de amor à produtividade, é necessário que ele deseje manter-se ocupado e “produtivo” constantemente, inclusive balizando as demais atividades da sua vida em benefício da expansão da produção.

Assim, o desejo de maximizar a produção já se encontra, de modo “natural”, no inconsciente social, isto é, faz parte da ideologia da sociedade neoliberal. Por isso, quando o indivíduo se enxerga como “empresário de si mesmo”, como o “empreendedor da própria vida”, ele age e comporta-se em conformidade com a lógica neoliberal.

[...] em lugar da coerção exterior surge a autocoerção, que imagina ser livre. Esse desenlace está intimamente ligado às relações de produção capitalista; a partir de um certo nível de produção, a autoexploração é muito mais eficiente. Seu desempenho é muito mais intenso do que a exploração alheia, pois anda de mão dadas com o sentimento de liberdade. Assim, a sociedade de desempenho é uma sociedade de autoexploração. O sujeito de desempenho explora a si mesmo até chegar a *consumir-se* totalmente (*burnout*), e assim há surgimento da autoagressividade, que vai se intensificando e, não raro, leva ao suicídio. (HAN, 2017, p. 24-25, grifos do autor)

É no campo psíquico que o neoliberalismo encontrou a possibilidade de ampliar significativamente a capacidade produtiva dos indivíduos. Por isso que a razão neoliberal não se propõe apenas em gerar corpos disciplinados e treinados à produção e dóceis no âmbito político, ela também busca formar sujeitos que estão frequentemente em um estado de otimização mental. Logo, não é por acaso que atualmente há um aumento expressivo de *workshops* de gestão emocional e pessoal, livros e vídeos motivacionais, treinamentos para o crescimento pessoal e profissional, entre outros. Todos voltados para o desenvolvimento da inteligência emocional.

A partir disso, a razão neoliberal desenvolve nos sujeitos uma adesão afetiva que os submete à lógica de superprodução, superdesempenho, alta performance e ultracompetição, que não raramente excede a jornada de trabalho e estende-se ao âmbito privado, além de convencê-los de que agem e pensam livremente. Sendo assim, por meio da positividade excessiva, a dimensão afetiva exerce um papel fundamental na conversão dos sujeitos à lógica neoliberal, favorecendo a ampliação dos lucros e o acúmulo de capital.

Simultaneamente, observa-se que internalização do ideal do “empresário de si mesmo” traz consigo várias patologias psíquicas, como ansiedade, depressão, Síndrome de Burnout, já que as diferentes esferas de vida dos indivíduos passam a ser conduzidas como uma empresa – gestão empresarial da vida. Uma vez que essa dinâmica de gestão é internalizada pelos sujeitos, eles passam a se identificar por suas competências profissionais e pessoais. O neoliberalismo “recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios” (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2022, p. 11).

Portanto, é a partir da adesão afetiva, promovida pela superpositividade, que os sujeitos são moldados e controlados pelo neoliberalismo. Se a lógica neoliberal convence os indivíduos de que eles são livres, que podem tudo, eles também não

estabelecem limites aos seus próprios objetivos. Buscam constantemente novas formas de felicidade e satisfação, como também se sentem impelidos a conquistar novos objetivos assim que um é alcançado.

Contudo, nem sempre esses objetivos são conquistados, e os motivos podem ser vários, já que não dependem apenas da vontade individual ou do espírito empreendedor do sujeito. Mas, conforme a ideologia neoliberal, essa particularidade não é e nem deve ser anunciada. No seu lugar, propaga-se a ideia de que “basta esforçar-se e trabalhar intensamente” que todos os objetivos se tornam realizáveis. Assim, para atender aos interesses do capital, essa perspectiva estimula a necessidade de superar os obstáculos que impedem a otimização individual, ampliando as possibilidades para que os sujeitos se potencializem, na medida em que desenvolvem um ideal de si apenas alcançável pelo empreendedorismo.

Em contrapartida, convém destacar que a resistência ao neoliberalismo enquanto dispositivo fascista compreende tanto práticas concretas quanto a mobilização de afetos que permitem romper com uma lógica de individualização, concorrência e autoexploração. Como a razão neoliberal opera na esfera econômica e na constituição das subjetividades e no gerenciamento de afetos, as alternativas de resistência a esse sistema precisam ocorrer tanto no nível estrutural como no nível das emoções e dos modos de vida.

Para isso, a organização coletiva e a resistência política fazem-se necessárias, já que os movimentos sociais e políticos, como sindicatos, movimentos ambientalistas, feministas, antirracistas e de direitos humanos, reivindicam os direitos coletivos, na medida em que questionam a privatização da vida e contestam as políticas neoliberais que promovem a desigualdade e a exploração.

Além disso, é fundamental que se desenvolvam formas de vida que não reproduzam a lógica neoliberal da competição exacerbada e da precarização. Ou seja, é necessário promover práticas comunitárias, formas de economia solidária, redes de apoio mútuo, cooperativas, entre outras iniciativas que oportunizam a interdependência ao invés da individualização. Nesta mesma ótica, as perspectivas indígenas e decoloniais, as críticas ao produtivismo e as filosofias não antropocêntricas também podem contribuir para elaboração de novas formas de pensar e de agir contra o sistema neoliberal. Assim, tais práticas voltadas ao comum e à solidariedade permitem desenvolver subjetividades que escapam à lógica da “empresa de si”, recusando o

imperativo da produtividade incessante, da hipercompetição e do autoaperfeiçoamento como mercadorias.

A partir disso, resistir equivale a promover novas formas de circulação de afetos. O que implica dizer que determinadas ações, como práticas de escuta e acolhimento, redes de apoio emocional e político, construções de narrativas que desnaturalizam a precarização, entre outras, conseguem mobilizar afetos como cuidado, esperança, indignação e solidariedade contra a lógica neoliberal.

Portanto, o fortalecimento dos laços emocionais entre os indivíduos, criando um senso de pertencimento e solidariedade em detrimento do individualismo neoliberal, a promoção de espaços em que os sujeitos possam compartilhar experiências e construir relações baseadas na confiança e no cuidado mútuo e a articulação adequada dos afetos críticos e transformadores, como a indignação frente às injustiças sociais e econômicas, para a ação coletiva tornam-se alternativas de resistência ao sistema neoliberal.

Considerações Finais

Neste artigo, observou-se a forma como o neoliberalismo incide sobre os indivíduos, impactando seus modos de vida, bem como a maneira como eles enxergam os outros e a si próprios. Por meio das estratégias de controle biopolíticas e psicopolíticas, a racionalidade neoliberal disciplina e potencializa os indivíduos para fins mercadológicos, na medida em que penetra nas diversas esferas da vida.

As mídias sociais também são determinantes na propagação da lógica neoliberal a partir da promoção e reforço da ilusória ideia de que o sucesso e o fracasso são resultados diretos e exclusivos das escolhas e esforços individuais. A partir disso, observou-se que as ações das mídias sociais não apenas contribuem como tonificam o discurso neoliberal de que cada indivíduo é responsável por suas realizações e não realizações financeiras, sociais e pessoais, excluindo os fatores estruturais e coletivos.

Constatou-se que o neoliberalismo encontrou no campo psíquico as ferramentas necessárias para ampliar significativamente a capacidade produtiva dos indivíduos, ou seja, a partir de discursos acrílicos e simplistas, favorecidos pela distorção do imaginário e pelo empobrecimento da linguagem, valoriza-se o ideal de positividade, cuja finalidade é afastar todo o aspecto negativo da lógica capitalista, aproximando-a de um regime de poder “positivo”.

Para isso, o neoliberalismo utiliza-se dos discursos motivacionais, dos *workshops* de gestão emocional e pessoal, dos treinamentos de inteligência emocional, entre outros, que prometem a otimização pessoal e a ampliação da capacidade produtiva sem limites, para promover a adesão afetiva dos indivíduos. A partir dessas estratégias, os afetos são distorcidos e/ou (re)produzidos, a fim de atender os imperativos econômicos de concorrência, de acumulação e de maximização de lucros.

A internalização da lógica neoliberal pelos indivíduos, fazendo com que eles se vejam como “empresários de si mesmo”, promove um processo de fascistização desses sujeitos, que passam a desprezar a alteridade e a perceber o outro como um concorrente/inimigo que precisa ser eliminado. O sujeito neoliberal torna-se um indivíduo aberto e disposto a todas as relações mercadológicas, pois sua felicidade, liberdade e reconhecimento estão centradas na sua capacidade de produzir demasiadamente.

Observou-se que o neoliberalismo se efetua como um fascismo enquanto dispositivo, que produz novos tipos de subjetividades e novas relações sociais que excluem a coletividade e a solidariedade. Além disso, a resistência ao neoliberalismo não pode ser pensada somente no campo econômico ou institucional, mas também no âmbito das subjetividades e dos afetos. O que significa que criar práticas e relações que escapem à lógica da mercantilização, construindo espaços em que o comum e a solidariedade prevaleçam sobre a atomização e a exploração é indispensável. Logo, é urgente que se compreenda como lógica neoliberal opera para que a possibilidade de uma sociedade equitativa seja pensada.

Referências

BARROS, Igor Corrêa de. Racionalidade neoliberal e empresariamento da vida em Michel Foucault. *Revista Eros*. Sobral, v. 2, p. 85-105, jan./dez. 2020.

CASARA, Rubens Roberto Rabello. *Contra a miséria neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CASARA, Rubens Roberto Rabello. *Estado Pós-Democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CASARA, Rubens Roberto Rabello. *Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

- CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e a ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. 1ª ed. São Paulo: Ebu Editora, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Áyine, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KARMY, Rodrigo. Fascismo vive em nós através do dispositivo do neoliberalismo. [Entrevista concedida a] Márcia Jungues. Tradução de Moisés Sbardelotto. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, n. 490, ano XVI, p. 20-32, ago. 2016.
- MOREIRA, Claudiomiro Ramos. *Pensando a psicopolítica neoliberal: pontos iniciais de uma crítica sobre a sociedade contemporânea*. V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família: atravessamentos do neoliberalismo nas políticas públicas no contexto pandêmico. 2021.
- RIBEIRO, Elton Vitoriano. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 2022. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/psicopolitica-o-neoliberalismo-e-as-novas-tecnicas-de-poder/>. Acesso em: 14 set. 2024.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. Introdução, in: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desemprego e o fim do indivíduo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.